

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**Construções de novas paternidades: a experiência subjetiva de homens
frente aos desafios contemporâneos**

Guilherme de Carvalho Moreira

Uberlândia - MG

2022

GUILHERME DE CARVALHO MOREIRA

**CONSTRUÇÕES DE NOVAS PATERNIDADES: A EXPERIÊNCIA
SUBJETIVA DE HOMENS FRENTE AOS DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Instituto de
Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito
parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.**

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

Uberlândia, MG

2022

**Construções de novas paternidades: a experiência subjetiva de homens frente aos desafios
contemporâneos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

Banca Examinadora

Uberlândia, 27 de abril de 2022.

Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Me. Bruno Castro Ribeiro (Examinador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Me. Tassiana Machado Quagliatto (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Uberlândia

2022

Agradecimentos

Aos meus pais, por *tudo*.

À minha família, por me trazer até aqui.

Aos pais-homens que concordaram em compartilhar comigo capítulos tão importantes de suas histórias.

Aos meus amigos, pelo acolhimento, torcida, confiança e impulsos em cada etapa de construção desse trabalho.

À querida Ana Paula e a todas as profissionais do grupo Bom-parto.

À Prof.^a Miriam que caminhou comigo enquanto eu dava meus primeiros passos nos estudos da paternidade.

Ao Prof. João Luiz, pela confiança e apoio durante todo o tempo que este estudo levou para tomar forma.

À banca, por aceitar ler e contribuir com tudo que havia para ser narrado.

À Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e ao Instituto de Psicologia (IP/UFU)

Sumário

1. Introdução	5
2. Método	10
2.1 Participantes	10
2.2 Procedimento de coleta de dados	11
2.3 Procedimentos de análise de dados	11
3. Resultados	12
3.1 Celso	12
3.2 Gabriel	14
3.3 Marco	16
3.4 Leandro	17
3.5 Edmundo	19
3.6 Glauco	21
3.7 Vinícius	23
4. Discussão	26
4.1 Um futuro garantido (Celso)	26
4.2 A renovação do afeto (Gabriel)	28
4.3 Viver o novo e se diferenciar um pouco (Marco)	30
4.4 Um pai dessa família (Leandro)	32
4.5 O paradoxo de Edmundo (Edmundo)	34
4.6 Estava indo ser pai, mas a vida pulou na frente (Glauco)	35
4.7 Potência em metamorfose (Vinícius)	37
5. Considerações finais	40
6. Referências Bibliográficas	43

Resumo

Na contemporaneidade, o papel do homem dentro da família vem se transformando, o que levanta diversos questionamentos sobre os caminhos percorridos por eles na construção de sua paternidade. Mediante o exposto, objetivou-se investigar o processo de construção das novas paternidades com base na experiência subjetiva de homens com filhos com idade entre seis meses e três anos. Como método foram realizadas entrevistas individuais online, psicanaliticamente orientadas, com sete pais-homens. A análise dos dados se deu a partir da identificação dos significantes-mestre presentes no discurso de cada participante, tendo como material de análise as narrativas transferenciais redigidas pelo pesquisador após cada encontro. A partir das histórias de cada participante e identificação dos significantes-mestre, foi possível observar os seguintes aspectos que se mostram relevantes ao processo de tornar-se pai: 1) os conflitos inconscientes e como cada pai-homem lida com eles, 2) a relação com os genitores e cuidadores, em especial com o próprio pai e 3) o contexto socioeconômico no qual os participantes cresceram. Logo, em meio à transição de modelos de paternidade, do tradicional ao contemporâneo, os pais-homens vêm encontrando diferentes saídas para a construir uma paternidade que se distinga da normativa patriarcal hegemônica e é importante criar espaços de escuta que consigam acolher o que essa população tem para contar e elaborar.

Palavras-chave: novas paternidades; paternidade; psicanálise.

Abstract

In contemporary times, the role of men within the family has been changing, which raises several questions about the paths taken by them in the construction of their paternity. Based on the above, the objective was to investigate the process of construction of new paternities based on the subjective experience of men with children aged between six months and three years. As a method, individual psychoanalytically oriented online interviews were carried out with seven fathers-men. Data analysis was based on the identification of the master-signifiers present in each participant's discourse, having as material for analysis the transference narratives written by the researcher after each meeting. From the stories of each participant and the identification of the master-signifiers, it was possible to observe the following aspects that are relevant to the process of becoming a father: 1) the unconscious conflicts and how each father-man deals with them, 2) the relationship with parents and caregivers, especially with the father and 3) the socioeconomic context in which the participants grew up. Therefore, in the midst of the transition of paternity models, from the traditional to the contemporary, fathers-men have been finding different ways to build a paternity that is distinguished from the hegemonic patriarchal normative and it is important to create spaces for listening that can welcome what this population have to say and elaborate.

Key-words: new paternities; paternity; psychoanalyses

1. Introdução

Os modelos familiares já assumiram diferentes configurações ao longo dos séculos. Essas mudanças acarretaram em transformações referentes ao lugar que os componentes do grupo familiar ocupam entre si e diante à sociedade. Assim, com base na formatação tradicional de família, regida pela lógica patriarcal e pelos modelos tradicionais de masculinidade - em que a figura paterna impera como seu proprietário -, novas referências vão surgindo até alcançar a configuração contemporânea de família, oriunda dos questionamentos em relação à supremacia do homem sobre a mulher e das funções sociais de gênero, possibilitados pela consolidação da mulher no mercado de trabalho e pela luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres (Vieira & Souza, 2010).

Como apontam Benczik (2011), Bernardi (2017) e Gomes (2019), o papel do pai na sociedade vem se transformando, de modo que essa figura começa a não ser, unicamente, associada à função de provedor da família e suporte materno. Alguns pais contemporâneos vêm buscando exercer também funções relacionadas aos cuidados essenciais dos filhos, no intuito de não deixar sobre a mulher a responsabilidade exclusiva de ser a cuidadora principal, configurando-se como uma composição em coparentalidade. O que certamente exige destes pais-homens, antes excluídos das experiências iniciais da vida do bebê, uma construção de formas de cuidado paralelo ao conhecido pela comunidade científica como maternagem. Assim, a paternagem acentua a inscrição do pai-homem às relações de afeto, à subjetividade e à liberdade no relacionamento familiar, como já apontavam Rezende e Alonso (1995) na década final do século XX, corroborando com as transformações socioeconômicas experienciadas globalmente após meados do mesmo século.

Dentre os eventos históricos que mostram grande influência sobre as mudanças no paradigma das paternidades destaca-se a “revolução dos costumes sexuais”, que tem seu início por volta da metade do século XX e que engloba um evento importante que é a ascensão do movimento feminista ao redor do mundo. Por meio de muita luta e oposição aos modelos de gênero tradicionais, as mulheres conquistam, em especial, o direito ao controle sobre sua atividade sexual e papel na procriação por meio da diferenciação entre sexualidade e reprodução, erotismo e maternidade e outros adventos como a criação da pílula anticoncepcional e posterior descriminalização do aborto (Pombo, 2018).

Já em relação ao que seria a função paterna, conceito caro à psicanálise e que se difere da paternidade em si, Coelho e Prudente (2019) irão descrevê-la como tendo diferentes papéis ao longo do desenvolvimento infantil, sendo, inicialmente, a responsável por romper a relação simbiótica mãe-bebê e posteriormente responsável tanto pela interdição no complexo de Édipo quanto por promover o contato da criança com o mundo externo. Em especial, é importante demarcar que a função paterna é um operador psíquico, enquanto, como descrevem Coelho e Prudente (2019), o conceito de paternidade se liga a uma construção histórico-social.

Logo, embora a psicanálise tenha um histórico de associar a função paterna ao exercício do poder por meio da hierarquia dos sexos, uma herança da estrutura social patriarcal, identificando essa função como parte do exercício masculino, ao revisar esse conceito, é possível que ela adquira um novo estatuto frente à contemporaneidade, não perdendo seu caráter de operador psíquico, mas se desligando da figura do homem como autoridade na família e do gênero (Pombo, 2018).

Desse modo, com a paternidade podendo ser abordada por diferentes perspectivas teóricas e campos de estudo, ressaltam-se as considerações da concepção psicanalítica, na qual a representação paterna ocupa lugar central. Dentre as vezes em que o homem foi

abordado na psicanálise, podemos citar aquelas em que se liga ao termo paternidade. Retomando alguns escritos do pai da psicanálise, Sigmund Freud, temos que, ainda que de modo muito embrionário, a função paterna, bem como o desejo de tornar-se pai, teria a sua origem ainda nos primórdios da infância, especialmente após a experiência do complexo edípico e dos processos identificatórios do menino (Freud, 1925/1996). Outro espaço ocupado pela paternidade na vida do homem, expresso por Freud (1914/1996), seria o de possibilitar a esse homem uma gratificação narcísica decorrente da possibilidade de reparar, através da criança que nascerá, as falhas vividas na relação paterno-filial com o próprio genitor.

Todavia, em relação a outros autores da psicanálise, têm-se diferentes interpretações acerca da leitura freudiana e do papel que a figura do pai ocupa na cena familiar. Como aponta Serralha (2016), Winnicott é um autor que enfatiza o papel do pai real e fisicamente presente, responsável não apenas por agir como um terceiro interventor na díade mãe-bebê, mas também pelo papel primário de ser um suporte emocional para o estado de preocupação materna primária da mãe, atendendo às necessidades maternas para que ela seja capaz de se dedicar ao bebê.

Enquanto isso, na teoria lacaniana, o autor apresenta diferentes instâncias relacionadas à função paterna, dentre elas, o Nome-do-pai, quarto elo entre as instâncias do real, simbólico e imaginário. É por meio dessa operação de nomeação que torna-se possível ao sujeito que se constitua no campo do Outro e consiga lidar com o lugar intolerável que ocupa perante à falta e ao desejo desse Outro (Silva & Altoé, 2018). Em outras palavras, a função paterna em Lacan também se configura, por intermédio de suas instâncias, como um interdito do acesso onipotente da criança à sua mãe, dando origem a uma castração simbólica que retira a criança de uma instância narcísica inserindo-a no campo da linguagem (Folberg & Maggi, 2002).

De acordo com Moreira e Borges (2010), o homem só é capaz de se apropriar da paternidade ao dar-se conta que seu próprio pai, responsável por inscrevê-lo ou nomeá-lo enquanto filho, não é dotado de um poder onipotente. Portanto, a figura paterna fálica precisa ser destruída pelo homem enquanto filho, de modo que ele possa ver-se apto a ocupar o lugar paterno na vida da sua prole. Entretanto, como Moreira e Borges (2010) ressaltam, justamente por destruir a imagem não castrada do pai, o homem se percebe vulnerável diante da figura filial que virá, pois sabe que esse representa uma ameaça ao seu próprio lugar fálico, como ele mesmo ocupou em relação à figura de seu progenitor. Não obstante, tornar o bebê falicizado, termo que se refere à transferência de um intenso narcisismo do genitor para o bebê, marcando-o como dotado do poder de conseguir tudo que o sujeito-pai não conseguiu em sua infância, demanda que o homem seja capaz de realizar um grande desinvestimento de si, especialmente perante ao lugar da figura perfeita que ocupava diante do desejo de seus próprios pais, podendo causar grande dificuldade e sofrimento (Cherer, Ferrari et al., 2018).

Assim, como considera José (2018), dentre as variáveis que compõem o processo de tornar-se um pai, possibilitando ou não essa construção, tem-se a história pessoal e singular de cada sujeito, desde seus próprios conflitos inconscientes à forma como ele experienciou as relações familiares na infância. Cabrera et al. (2000) apontam ainda que o pai, assim como o bebê, está em contínuo processo de desenvolvimento que sustenta a sua construção como homem e como cuidador.

Logo, considerando a influência que a cultura possui frente ao que se tem e ao que se transforma nos modelos de família e paternidade, Pombo (2018) questiona, com base nas perspectivas de uma vertente mais contemporânea da psicanálise francesa, o que nas últimas décadas vem sendo considerado como a crise da função paterna. Em fato, a autora descreve que tal crise pode estar mais atrelada à crise do patriarcado como modelo que

sustenta a posição hierárquica entre os sexos do que à função paterna que inscreve o sujeito na linguagem. O que se considera como uma estrutura rígida - o pai dominador e o representante da lei -, seria apenas uma saída possível dentro da estrutura social patriarcal, essa, sim, francamente em declínio. Por essa razão, vale levantar e debater a hipótese de que dentro das mudanças sociais que acompanham as reviravoltas históricas que continuamente reconfiguram o funcionamento do mundo, no qual o humano se inscreve, há novas saídas possíveis para o pai que não apenas aquela que pouco abre espaço para a criatividade e a espontaneidade do sujeito em sua relação com o ambiente e a cultura.

Destarte, estudos como os de Sutter e Bucher-Maluschke (2008), Krobet al. (2009) e Cherer Ferrari et al. (2018) se debruçam, por meio de diferentes métodos de pesquisa, a escutar homens adotando como tema central o estudo da paternidade. Contudo, como pontuam Paravidini et al. (2008), considerando que as transformações subjetivas estão ligadas às macro modificações sociais que acompanham a história da humanidade, não se pode ignorar que o pai atual é um sujeito inscrito na contemporaneidade que atravessa não só a queda de referenciais, como o patriarcado, mas também um possível declínio da função paterna como existente no modelo tradicional de família. Assim, a psicanálise ainda se mostra como uma perspectiva capaz de alcançar resultados robustos em relação ao estudo do sujeito e suas angústias, bem como a relação dos fenômenos humanos com a sociedade e a história singular de cada um e, como bem colocam Silva e Altoé (2018), é dever da psicanálise sustentar a discussão sobre o pai, seu papel e espaço na pós-modernidade.

Este estudo partiu da hipótese de que as transformações dos modelos familiares têm reconfigurado as funções dos sujeitos dentro das famílias, exigindo uma movimentação dos homens para construir novos modelos de paternidade que se adaptem

aos novos padrões esperados, sendo um movimento digno de estudo por parte da comunidade científica.

Mediante o exposto, o presente estudo teve por objetivo investigar o processo de construção das novas paternidades com base na experiência subjetiva de homens com filhos com idade entre seis meses e três anos.

2. Método

2.1 Participantes

Participaram desta pesquisa sete pais-homens respeitando os seguintes critérios de inclusão: 1) o participante deverá ter mais de 18 anos de idade e 2) o participante deverá possuir pelo menos um filho com idade entre seis meses e três anos. Segue abaixo a descrição dos participantes, identificados por nomes fictícios, cuja captação se deu a partir de ampla divulgação do estudo por meio de redes sociais como Facebook, Instagram e Whatsapp.

Tabela 1. Participantes

Nome Fictício	Filhos (Nomes Fictícios)	Histórico Pessoal	Histórico Profissional	Residência (Estado)
Celso	Matheus (dois anos) e Bruno (dois meses)	37 anos, casado	Vendedor em rede de lojas	Rondônia
Gabriel	Alice (um ano e um mês)	36 anos, casado	Graduado em Ciências Contábeis, trabalha como gerente no setor postal	Rondônia
Marco	Nina (11 meses)	32 anos, casado	Graduado em Agronomia, trabalha na área	Minas Gerais
Leandro	Gisele (dois anos e 10 meses)	34 anos, casado	Graduado em Economia, trabalha na área	Minas Gerais
Edmundo	Lílian (dois anos)	29 anos, solteiro	Graduado em Engenharia Civil, trabalha como motorista de aplicativo	Minas Gerais
Glauco	Camila e Sofia (9 meses)	30 anos, amasiado	Graduado em Audiovisual e Letras, trabalha como professor de Redação	São Paulo
Vinícius	Bernardo (seis meses)	34 anos, amasiado	Graduado em Jornalismo, trabalho como empreendedor de mídias sociais	Minas Gerais

2.2 Procedimento de coleta de dados

Esta pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética de Pesquisa envolvendo seres humanos (CAAE: 39214420.8.0000.5152), tendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido sido apresentado e entregue aos participantes por e-mail. O recurso utilizado para a realização das entrevistas foi o de videochamadas.

A escolha da entrevista online como procedimento de coleta de dados também se deu pela necessidade de atender às medidas de distanciamento social indicadas pela Organização Mundial de Saúde frente ao, ainda atual, quadro de pandemia da doença COVID-19.

O método investigativo que orientou as entrevistas foi o método psicanalítico. Assim, visando a associação livre, regra fundamental da psicanálise, criou-se a possibilidade do participante falar livremente sobre o tema proposto pela pesquisa, facilitando o acesso à conteúdos inconscientes (Laplanche & Pontalis, 1995). Destarte, visando não interromper o processo associativo, o entrevistador se preocupou em realizar intervenções pontuais mínimas para não sobrepor seu discurso ao do entrevistado por meio de ideias ou sentimentos e correr o risco de fazer sombra à história de vida do participante (Macedo & Falcão, 2005).

2.3 Procedimentos de análise de dados

Após cada entrevista foi elaborado um texto, por parte do pesquisador-entrevistador, no formato de narrativa transferencial. De acordo com Medeiros (2009), a narrativa transferencial, diferente de outras elaborações textuais, torna possível considerar na análise dos dados a experiência afetiva e os aspectos subjetivos do pesquisador, além de suas impressões contratransferenciais. O intuito de incluir as impressões do pesquisador é de que, ao utilizá-lo como referencial, se tenha acesso aos refinados conteúdos produzidos dentro das relações humanas.

Desse modo, os resultados da análise de dados se deram pela identificação dos significantes-mestre presentes nos discursos dos participantes, extraídos e analisados por meio das narrativas transferenciais. Segundo Tfouni (2020), o sujeito pode se identificar com um significante do qual dependem todas as suas experiências, chamado de significante-mestre, que tende a aparecer repetidamente em seu discurso, sendo ele o responsável por dar sentido ao que é dito e servir como referência na interpretação dos outros significantes da sua cadeia associativa. Dito isso, buscou-se, por meio de exaustiva leitura e releitura das narrativas transferenciais, encontrar os significantes-mestre presentes na experiência subjetiva dos homens em suas construções de novas paternidades.

3. Resultados

Os resultados apresentados se dão a partir dos recortes das narrativas transferenciais de cada participante escritas pelo pesquisador-entrevistador. Optou-se por destacar em itálico os trechos que se referem às falas dos próprios participantes e que também remetem à cadeia de significantes presentes em sua experiência subjetiva.

3.1 Celso

Dentre os participantes, Celso talvez seja aquele para quem a referência de paternidade mais se aproxima do modelo tradicional e cuja família segue estruturas mais rígidas de hierarquia e papéis de gênero. Uma das primeiras ações do participante na entrevista é de questionar se o entrevistador possui filhos e, ao receber uma negativa, responde de modo complacente: *“ah, mas vai ter, logo vai ter”*. Ainda que a fala possa ser lida como boa intenção e amabilidade para com o outro, também carrega implicitamente uma ordem naturalizada que sugere que ter filhos faz parte da ordem natural da vida de um homem.

Além disso, enquanto conta sobre sua atuação como pai, Celso apresenta uma frase que parece delimitar bem o que ele considera ser papel da mãe e papel do pai. Segundo o participante, *não tem muito que possa fazer com um recém-nascido, que o negócio é mãe, já que o bebê quer mamar*, tanto que agora o máximo que ele faz quando escuta o filho caçula, Bruno, chorar durante a noite *é abrir o olho e ver se a mãe acordou para atendê-lo*, dormindo rapidamente em seguida.

Não obstante, ele pontua que não agia da mesma forma quando Matheus era recém-nascido, apresentando-se mais preocupado já que Matheus foi o primeiro filho do casal. Todavia, quando questionado acerca do que costumava fazer diferente nos cuidados do filho mais velho e que o fazia se perceber mais preocupado, Celso responde apenas que *ajudava a arrotar*, se lembrando depois que mesmo hoje também *é quem cuida da fimose dos meninos na hora do banho*. Nesse caso, vale notar que Celso tinha varicocele, por isso ele e a esposa tentaram engravidar por anos sem sucesso, e que após realizar uma cirurgia para cuidar de sua condição eles engravidaram de Matheus, de modo que Matheus não ocupa apenas o estatuto de primogênito, como também o de uma criança muito esperada após anos de frustrações em conceber, o que pode ter influenciado nesta preocupação mais ativa apresentada por Celso em relação ao filho mais velho.

Outro ponto que marca uma ordem tradicional na vida de Celso é do quanto ele se orgulha por ter se casado, entendendo que essa é uma conquista que o levou a se tornar um homem mais organizado, *graças à sua esposa*, sendo capaz de quitar as dívidas que tinha quando solteiro e até mesmo encontrar trabalho em uma empresa na qual pudesse progredir gradualmente até chegar a um cargo de gerência e ser um dos funcionários mais bem quistos pelo dono da rede de lojas em que trabalha. Ainda em relação ao trabalho, Celso explica que foi graças ao seu bom desempenho e esforço que foi capaz de criar relações pessoais com seu chefe, de modo que este sempre frequenta sua casa, *tendo se*

apegado tanto a Matheus que o incluiu em seu próprio testamento, garantindo que a faculdade do menino seja paga integralmente quando ele crescer.

Por fim, vale contar sobre um dos acontecimentos que mais marcou a infância de Celso. Segundo o participante, o pai faleceu de leucemia quando Celso tinha cinco anos. Ele conta que em razão da idade não tem muitas memórias do genitor, contudo, há uma que ele considera permanente: a de quando a família acompanhou o pai em uma viagem de ônibus para buscar um tratamento melhor no hospital de outro Estado. Celso diz se lembrar de *como o pai estava com muita dor durante a viagem, mas ainda andava e conversava com eles, contudo, acabou voltando para casa em um caixão para o enterro.*

Após a morte do genitor, a mãe de Celso, que era cozinheira de um quartel, *trabalhou muito para sustentar ele e sua irmã*, dois anos mais velha. Celso ressalta que *nunca passaram fome, mas houve dias em que comiam apenas arroz e feijão*. Segundo o participante, a mãe chegou a se casar novamente alguns anos depois da morte de seu pai, e ele tinha um bom relacionamento com o padrasto, ainda que este *tivesse o problema da bebida antes de entrar na igreja*, mas assim como o pai, o padrasto também morreu de câncer já quando Celso tinha 22 anos. Ao final da entrevista, ao ser questionado sobre algo em sua história que ele não gostaria que os filhos também vivenciassem, Celso responde que *não quer que os filhos passem necessidade como ele passou, de não poder comprar roupas na infância e a questão da comida, já que isso não é mais necessário.*

3.2 Gabriel

O relato de Gabriel acerca de sua própria história e do convívio com a filha, Alice, é logo de início repleto de afeto. Gabriel conta que o último ano da sua vida, enquanto pai, tem sido uma *experiência difícil de colocar em palavras* e ressalta que *ninguém o avisou sobre as dificuldades da paternidade*. Como exemplo, ele cita as noites mal

dormidas e o relógio biológico que parece se ajustar aos horários da bebê o fazendo acordar um minuto antes dela chorar.

Todavia, ainda que marque esses acontecimentos como dificuldades, o sorriso não sai da face Gabriel, e completa dizendo que toda essa vivência também foi responsável por deixá-lo muito feliz. Logo, Gabriel começa a falar de outros momentos de sua rotina com Alice, contando sobre as brincadeiras que fazem juntos, e quando questionado sobre como ele brinca com sua bebê, Gabriel revela que cantava junto com ela, elencando a atividade como a favorita dos dois e até mesmo imitando os sons que ele fazia.

No caso de Gabriel, com o nascimento de Alice no auge da pandemia, a possibilidade de apoio da família extensa foi prejudicada, e como sua esposa precisou fazer repouso absoluto após a cirurgia cesariana, houve um maior envolvimento dele com os cuidados tanto da filha quanto da esposa, que não conseguia fazer alguns movimentos sem sua ajuda. Outrossim, vale ressaltar que mesmo após o retorno ao trabalho, enquanto Alice ficava com a esposa em casa, Gabriel não deixou de *pensar na filha o dia inteiro* e ficar ansioso para chegar em casa e assumir o cuidar.

Por consequência, a possibilidade de viver a paternidade de forma tão afetiva e presente junto da filha fez com que Gabriel mudasse de ideia em relação a ter mais filhos. Segundo ele, outro bebê não estava em seus planos, mas após a experiência com a Alice recém-nascida, ele *não vê a hora de começar novamente* e até mesmo cria uma metáfora própria - utilizada por ele em dois momentos distintos - para explicar o sentimento: ele diz que *se sente um corredor de maratona que ao cruzar a linha de chegada ganha mais energia e vontade de continuar correndo*.

Já em relação a sua história pregressa, Gabriel foi criado pela família materna, não tendo conhecido o pai, pois os genitores nunca chegaram a ter um relacionamento e o pai foi morar em outra cidade ainda durante a gestação de Gabriel, falecendo quando este

tinha 13 anos. Ainda assim, deixa claro que *sua mãe sempre disse que ele tinha um pai* e nunca escondeu onde ele morava, de modo que no momento que Gabriel quisesse ir conhecê-lo ele poderia, contudo, não havia disponibilidade financeira viajar. Ele termina dizendo que chegou a conhecer seus irmãos paternos, mas apenas quando já tinha 19 anos.

Quando começa a contar sobre a configuração familiar materna, o que mais se destaca é o carinho em sua voz enquanto explica: *Aqui é assim, né. A gente não tinha muito, eram várias famílias morando juntas dentro de uma mesma casa, ainda que fosse uma mesma família.* Assim, a partir da entrevista, entende-se que a casa dos avós de Gabriel abrigava ele, sua mãe, seus tios, suas tias e primos, todos em diferentes idades e com seus próprios casamentos. Ele aponta que *o ponto negativo era que a casa era muito cheia, mas que o ponto positivo também era esse, pois estavam todos sempre juntos e ele pode crescer com os tios e primos, bem como com as diversas crianças da rua, pois onde ele morava, em apenas uma quadra existiam 15 ou 20 crianças que se tratavam como uma mesma família.*

3.3 Marco

Assim como muitos outros homens descritos na literatura temática sobre paternidade, Marco conta ter começado a se sentir mais próximo da filha, Nina, conforme ela ficou mais velha. Ele relata ter sido presente ao que tange aos cuidados dela, passando em casa os primeiros 20 dias após o parto. No entanto, ele *não sabe se a bebê já é era realmente capaz de reconhecê-lo como pai*, e, mesmo que Nina já tenha 11 meses de idade, esta dúvida ainda é presente.

Em seu núcleo familiar de origem, a relação que Marco mais explora é com o pai. A primeira palavra que utiliza para descrevê-lo é “carinhoso”, *especialmente com os filhos*, contudo, pensa um pouco e explica que *na verdade ele é um homem ríspido em seu jeito de falar.* Conforme organiza os pensamentos, Marco diz que *sabe que o pai tem*

muito carinho por todos, mesmo que ele não consiga demonstrar isso. Além disso, Marco qualifica a relação com o pai como *ótima e muito próxima*, mas que *desde que ele era criança até completar 14 anos tinha medo do pai*, embora não soubesse o que gerava esse medo.

Inicialmente, a fala de Marco pode parecer confusa, já que ele não especifica quais seriam o conteúdo das discussões, mas logo vai ficando mais claro, quando explica que diferente do próprio pai, ele *não teve dificuldade em aceitar a “escolha sexual” de seu irmão mais novo*. Nesse momento, Marco se desculpa por não conhecer bem os termos, se referindo ao uso da expressão “escolha sexual”.

Outro ponto de destaque na narrativa de Marco é quando ele seleciona o momento em que, ainda na adolescência, foi estudar fora da sua cidade de origem, tendo morado em uma república com *todo o tipo de gente*, para dizer *o quanto aprendeu sobre as diferentes pessoas e formas de se viver a vida*, pois na cidade interiorana em que morava o estilo de vida era muito mais padronizado e tradicional.

Desse modo, Marco entende que é seu papel como pai passar certos valores e princípios para sua filha, mas que não tem que ser como sua família de origem ou um dos amigos de seu convívio próximo que parece *ainda se preocupar com a divisão entre brinquedos de meninas e de meninos*. Nas palavras do participante, ele gostaria que, *em uma situação hipotética, caso a filha venha a procurá-lo para dizer que é homossexual, ele possa aceitá-la e fazê-la compreender que está tudo bem*.

3.4 Leandro

Quando solicitado a contar sua história, Leandro imediatamente elenca um acontecimento que marcou muito sua infância e ele acredita que seria importante contar: seu pai tinha uma segunda família, com outra mulher e filhos. Leandro explica que o pai

manteve as duas famílias em segredo uma da outra, mas quando ele tinha por volta de sete ou oito anos sua mãe acabou descobrindo.

Ele ressalta que a mãe, sendo psicóloga, sempre tentou manter os problemas conjugais longe da vivência dos filhos, pois Leandro também possui uma irmã mais nova. Após a segunda família do pai ser revelada, sua mãe pediu o divórcio e se mudou com os filhos para a casa dos avós maternos, por quem ele tem grande apreço e afeto, bem como pela avó paterna que esteve com eles mesmo após o divórcio de seus pais.

Após contar a história, Leandro para de falar sobre o pai. O máximo que dirá espontaneamente é que *fez terapia por algum tempo para conseguir lidar com todos os sentimentos que acompanharam o pai ter um outra família em segredo*, e que mesmo que a mãe sempre tivesse sido cuidadosa, nunca atacando a imagem do pai na frente dos filhos, não foi um período ou até mesmo uma história fácil de superar, mas que hoje ele *não fica mais bravo com o pai, embora as ações do genitor o tenha machucado muito*. Além disso, ele ressalta que *após o divórcio sentiu que assumiu o papel de homem da casa - diz fazendo o sinal de “aspas” com as mãos -, sendo o responsável por, de alguma forma, se preocupar com o bem-estar da irmã e apoiar a mãe enquanto ela trabalha*.

Já em relação à esposa, Leandro conta que a conheceu quando tinha por volta dos 20 anos. Na época ambos namoravam pessoas diferentes, mas depois de um tempo eles terminaram seus respectivos namoros e começaram a sair juntos até finalmente começarem a namorar e se casarem.

Segundo ele, *a chegada de Gisele foi um momento muito esperado e abençoado, deixando-os muito felizes*. Leandro também conta que a chegada de Gisele não foi ruim ao casamento como acontece com alguns casais, *que eles tiveram que adequar a rotina, mas que ele não percebeu nenhum problema*.

Ele também conta que nos primeiros meses de vida da filha sua esposa ficou em casa, e ele pegou férias, mas quando terminou o período da licença maternidade eles começaram a levar Gisele para uma creche. Contudo, algum tempo depois, com o início da pandemia, tiveram que ficar em casa e trabalhar remotamente, de modo que é Leandro quem *fica grande parte do dia com a filha, enquanto a mulher trabalha, e depois eles faziam um revezamento.*

Não obstante, a pandemia acabou criando um afastamento das famílias de origem, tanto de Leandro quanto de sua esposa. Leandro elenca a ausência da família materna de Gisele como mais grave, já que moram longe, e ele e a esposa já os visitavam poucas vezes no ano. Quando o faziam, era uma viagem de carro durante a madrugada, pois o casal se preocupava que Gisele pudesse dormir a maior parte do caminho e não sentisse tanto os efeitos de ficar muitas horas confinada dentro do veículo.

Ao final de sua entrevista Leandro irá dizer que seu pai não tem muito contato com a neta, Gisele, e que se há algo que Leandro não deseja para ela é que *cresça sem um pai presente e que como pai ele quer estar ali para a filha, independentemente de qualquer coisa, podendo dizer que a ama.* Leandro ainda dirá que *não quer que Gisele passe pela experiência de ter um pai com outra família ou de ver sua mãe com outro homem,* construindo uma fala diretamente ligada à sua própria história e vivência da relação paterno-filial enquanto filho.

Após esse momento, Leandro irá *agradecer por ter participado da pesquisa e por poder falar sobre coisas que ele não imaginava que iria falar, ficando surpreso por alguém querer ouvir a sua história.*

3.5 Edmundo

Com 29 anos na data da entrevista, Edmundo conta que ainda morava com os pais quando os dois se separaram, cinco anos antes. Segundo ele, *a relação com o pai é ruim, e mesmo o amor que sente pelo genitor não basta para que eles consigam conviver bem.*

A história de Edmundo envolve um processo de autodescoberta bem aparente, em especial nos últimos anos. Ele conta que começou a fazer uso do que chama de Medicina Ayahuasca e também de Cannabis medicinal, se apoiando na religião e na evolução espiritual para conseguir *curar* alguns aspectos de sua vida. Dentre estes, encontra-se a relação com o pai e como ele percebe que a mesma funciona como uma “*Medicina ruim*” em sua vida, pois o pai nunca foi capaz de aceitá-lo como ele é e *se há algo que lhe foi ensinado pela figura paterna foi que tipo de pai não ser e o que não fazer* ao ocupar esse papel.

Desse modo, ele coloca ênfase em suas palavras ao dizer o quanto *tem se esforçado para ser o mais diferente possível do genitor ao interagir com a filha*, Lílian. Edmundo também conta que, através da Medicina Ayahuasca, tem buscado limpar os sentimentos negativos em relação ao pai, e que tem o desejo de melhorar a relação com o genitor, além de *perdoá-lo*, mas ressalta que ainda não havia conseguido chegar à fase do perdão, e que *naquele momento, para conseguir manter um relacionamento com o pai, ele precisou cortá-lo de sua vida.*

Outro ponto que se destaca na história de Edmundo é justamente o quanto foi difícil para ele estabelecer uma relação com a filha frente ao término de seu relacionamento com a mãe de Lílian e posterior enfrentamento da pandemia da Covid-19. Vale ressaltar que Edmundo passa toda a entrevista em sua sala de estar com a filha e conversa com o pesquisador enquanto ela brinca ao seu lado

Após passar o primeiro ano da filha vendo-a durante duas horas semanais, Edmundo finalmente havia conquistado a confiança da mãe de Lílian para levar a criança para sua

casa e cuidar dela por um dia na semana, até que, três semanas depois, o decreto da quarentena entrou em vigor e para não expor LÍlian a nenhum perigo, ela parou de ir à casa dele, posto que dividia a moradia com outras pessoas.

Para Edmundo, o nascimento de LÍlian aconteceu em uma época em que ele era muito imaturo e estava no ápice de sua jornada de autodescoberta. Após o nascimento da filha, Edmundo saiu da casa da mãe, onde morava, pois eles tiveram uma grande briga sobre ele ser usuário de cannabis e terem opiniões diferentes sobre o uso da planta. Edmundo *tenta iniciar uma vida por ele mesmo, com uma casa que pode pagar com seu próprio dinheiro e onde possa finalmente assumir o controle da própria vida.*

Parafraseando o próprio Edmundo, *primeiro foi preciso aprender a cuidar dele mesmo, e depois disso, ao mesmo tempo que nascia uma pandemia, ele tinha que se preocupar com sua filha.* Ainda que seja difícil precisar o momento em que se nasce um pai, a frase de Edmundo parece contar que no momento em que ele nascia pai, nasceu também uma adversidade, afetando diretamente esse momento ao afastá-lo novamente de sua filha.

3.6 Glauco

Sendo filho único, Glauco conta *sempre ter tido a atenção e apoio dos pais, nunca precisando dividir a atenção com irmãos, mas que não foi um menino mimado, pois trabalha desde a adolescência e nunca ficou esperando nada cair do céu.* Glauco também compartilha que foi adotado pelo casal parental antes mesmo de deixar a maternidade.

Já adulto, ele seguiu carreira de radialista antes de mudar de área e se tornar professor, profissão que compartilhava com a esposa e fez com que se conhecessem, pois lecionavam na mesma escola. Glauco explica que os dois possuem 10 anos de diferença de idade, sendo ela mais velha, mas que *isso nunca foi um problema* para eles.

É possível perceber, pelos relatos que Glauco oferece sobre a rotina de sua casa, que ele tem certa prioridade na tomada de decisões. Logo no começo da entrevista conta que a esposa queria ter saído para jantar fora, mas ele *vetou a possibilidade*, pois *estava muito cansado e não queria ter que se desgastar prestando atenção nas gêmeas estando fora de casa*, visto que *sair com elas dá bastante trabalho*. Não obstante, Glauco fala de quando pensaram se já era o momento de colocar as filhas na creche, já que o casal *precisava trabalhar*, e que embora ele e a esposa tenham discutido suas opções, foi ele quem deu a palavra final, mostrando para a esposa que era impossível para os dois continuarem cuidando das filhas em casa.

Além disso, para além das demandas parentais, outro ponto de destaque na vida de Glauco foi a morte do próprio pai durante o último trimestre de gestação das gêmeas, Camila e Sofia, em decorrência da pandemia da Covid-19. O participante conta que passou por um período muito difícil e exaustivo quando o pai adoeceu, pois sua esposa gostava muito dele e tanto ela quanto a mãe de Glauco ficaram muito abaladas com a hospitalização. Por essa razão, diz ter precisado *se dividir*, tentando acompanhar o pai, o máximo que era possível, indo para a casa da mãe e depois para sua própria casa cuidar da esposa que estava grávida das gêmeas.

Não obstante, após a morte do pai, Glauco reclama que a mãe *se tornou muito dependente*, sempre reclamando quando o filho não a visita e não leva as netas para visitá-la, além de ligar constantemente pedindo que ele realize diversos tipos de tarefas. Ele ressalta o quanto tem se tornado difícil lidar com as duas casas, pois *ainda precisa ser pai e marido*, e tem que cuidar da sua própria casa e família.

Glauco aponta que o que mais o marcou sobre a relação dos pais, se referindo na maioria de suas memórias aos dois juntos, foram *as brigas frequentes*, pois *eles não se davam muito bem*. Glauco, inclusive, reconhece que *levou o “tratamento de silêncio” dos*

pais para a relação com sua esposa, de modo que após uma discussão ele se fecha e fica sem falar com ela. Em sua própria definição, isso *não é certo e ele tem tentado mudar*, especialmente durante o isolamento social em que os conflitos conjugais aumentaram em casa.

Ainda sobre o silêncio que atravessa a família, Glauco acaba falando que gostaria de ser um homem que se senta pra conversar com as filhas, *algo que seu pai não fazia*, embora ele mesmo se surpreenda ao se dar conta que isso pode ser bem difícil, pois ele *não gosta de sentar e conversar*, sequer fazendo isso com seus alunos em sala de aula quando ele sabe que precisam.

Em meio ao seu relato, Glauco pouco fala sobre o que sentiu pela perda do pai. Apenas ao falar sobre o nascimento das filhas, ele cita ter ficado *muito triste* com a morte do mesmo, embora o sentimento de tristeza não se mostre presente durante a sua narrativa. Certamente, isso não quer dizer que ele não esteja realmente triste e de luto - que ele mesmo admite não ter tido muito tempo para vivenciar -, mas sim que essa parte da experiência da perda parece estar sendo obliterada pela pressão de se tornar o homem-filho-marido-pai que irá sustentar a família frente ao vazio que o pai deixou.

3.7 Vinícius

Dentre as informações que Vinícius compartilha sobre seu pai, tem-se que *os dois possuem, hoje, uma relação de amigos e não de pai e filho, tendo liberdade para conversar sobre a vida e beber juntos, mas não para falar sobre sentimentos ou o que já viveram no passado*. Ele relata que atualmente o pai mora em outro Estado e faz algumas visitas esporádicas, ainda que o genitor *pareça estar sempre ansioso para ir embora quando o visita*.

Segundo Vinícius, seus pais se divorciaram quando ele tinha por volta de oito anos de idade e seu irmão seis. Após a separação, sua mãe voltou a morar com os próprios

pais, avós de Vinícius, levando os filhos com ela. Alguns anos mais tarde, sua mãe se casou novamente, mas Vinícius decidiu permanecer morando com seus avós maternos, enquanto a mãe foi morar com o novo marido. Não obstante, sem especificar a idade exata, ele conta que durante a adolescência também chegou a morar com o pai, mas que quando este se casou novamente e decidiu mudar de cidade ele voltou para a casa dos avós maternos.

Além disso, Vinícius ligou outros pontos de sua história à sua relação com o pai e até mesmo com o avô com quem morava, dando ênfase no período de sua adolescência. Ele explica que *quando era jovem passou por um período de rebeldia em que começou a usar maconha e isso evoluiu para o uso de outras drogas mais pesadas*. Vinícius também relata que *começou a fazer muito sexo, dormia com todos, experimentando tudo, como é normal para um jovem, além de que, se as pessoas ofereciam droga em troca de sexo, ele aceitava sem pensar*.

Na concepção de Vinícius, isso teria a ver com sua história, mas também com os padrões rígidos nos quais foi criado pelos avós maternos. A figura de destaque nesse momento é o avô, que era militar e muito religioso, exigindo de Vinícius condutas e comportamentos muito inflexíveis, o que ele entende ter contribuído para sua revolta e decisão de sair de casa. Vale apontar que Vinícius tinha menos de 15 anos quando isso aconteceu, sendo com essa idade que ele decidiu voltar para a casa dos avós, que o acolheram novamente de um modo muito mais brando do que ele imaginou.

Logo, ao retornar à casa dos avós, Vinícius diz *que largou as drogas e por um tempo culpou o pai, pois uma parte dele tinha vontade de que o pai o tivesse impedido e evitado o pior*. Vinícius conta que antes de sair de casa havia começado a usar maconha, e seu pai descobriu, mas apenas sentou com o filho para uma conversa, dizendo que

aquela era uma decisão de Vinícius e que o apoiaria, embora esperasse que usasse com cuidado.

Após essa sequência de eventos, Vinícius passa alguns anos apegado à religião dos avós, visitando cultos e seguindo a doutrina à risca. Após ingressar na faculdade ele deixou a religião de lado e se concentrou em ser *um homem festeiro e pegador de mulheres, que entendia que o sexo e a relação com elas deveriam ser agressivos*. Apenas após os 30 anos, já divorciado de sua primeira esposa, com que passou sete anos casado, Vinícius diz ter começado a mudar essa concepção de masculino, se entendendo como *um homem com atitudes muito machistas e prejudiciais, tanto para si quanto para os outros*. Ele faz a seguinte afirmação: *“Eu fico muito feliz do meu filho nascer agora e não quando eu ainda era esse homem, pois eu seria um péssimo exemplo para ele”*.

Segundo Vinícius, ele tem estado satisfeito com a rotina que estabeleceu junto da família, entendendo que consegue conciliar bem o seu trabalho e a paternidade. Ele relata que entende precisar de um tempo só para si, por isso acorda uma hora antes de seu filho Bernardo, para poder usar rapé e meditar. Depois que o filho acorda e é amamentado pela mãe, pai e filho passam a manhã juntos enquanto a namorada de Vinícius dorme por mais umas duas horas. Além disso, Vinícius pontua que a rotina nem sempre é tão rígida, pois às vezes Bernardo acorda mais cedo e Vinícius não consegue ter o momento para si ou *Bernardo pede a mãe* e eles voltam para a cama com ela. Vinícius faz questão de enfatizar que em outro momento ele ficaria irritado com a ausência de seu momento para meditar, mas atualmente não vê problema nisso com o Bernardo.

Vale ressaltar que a gravidez que gerou Bernardo não foi planejada, tendo ocorrido após alguns meses de namoro entre Vinícius e sua namorada, ainda que, como coloca o participante, *controlassem a natalidade através dos dias férteis dela*, método conhecido popularmente como “tabelinha”.

A inquietude que levou Vinícius a buscar terapia e tratamentos alternativos para ser um homem diferente não é em resposta a uma paternidade iminente, mas ao seu próprio sofrimento por sua história, o que não isenta os efeitos que os últimos anos em sua *jornada de autodescoberta e cura* não tenham tido consequências sobre seu modo de ser pai.

4. Discussão

4.1 Um futuro garantido (Celso)

A paternidade de Celso possui raízes profundas nos modelos mais tradicionais e hegemônicos. A partir da leitura de diferentes autores, Benatti e Pereira (2020) colocam que quando considerados os pais-homens com menor condição socioeconômica, ter filhos ganha o estatuto de ato fundante da família, como Celso demonstra a partir dos primeiros comentários feitos ao pesquisador.

Para Celso, seu dever é garantir o sustento dos filhos e da esposa, ainda que ela também tenha um emprego, e o dela é cuidar da casa e garantir a educação das crianças, especialmente por ela ter acesso à licença maternidade. Isso se mostra como a realidade de grande parte da população brasileira em que mesmo com uma jornada de trabalho equivalente à do homem, a responsabilidade pelo trabalho doméstico tende a recair sobre as mulheres (Borsa & Nunes, 2011), que também apresentam maior dificuldade em conciliar ascensão profissional e maternidade (Gomes & Paiva, 2003).

Como coloca Sarti (2011), a representação ideal de família presente nas camadas mais populares da população é formada por três pilares: casamento, casa e filhos. Pelo que se mostra durante a entrevista, o mesmo ideal se faz presente na narrativa de Celso, que viu no casamento e no apoio conjugal uma saída da vida de solteiro, onde estava endividado, e conseqüente conquista de uma situação socioeconômica mais estável por

meio de seu desenvolvimento profissional e salário fixo, além da aquisição de uma casa onde pudesse criar os filhos.

Além disso, considerando que Celso e seu núcleo familiar têm uma condição socioeconômica melhor nos dias atuais, é relevante resgatar que o participante cresceu em meio a uma situação de muita vulnerabilidade, pobreza e desamparo. A história de Celso remonta ao exaustivo trabalho de sua mãe para prover condições básicas de sobrevivência, como alimentação e moradia, para ele e sua irmã, especialmente após a morte do pai. Como colocam Gonçalves e Bottoli (2016), é essencial considerar como cada sujeito vivenciou a infância e a relação com as figuras parentais, já que seus comportamentos com a criança (envolvimento nos cuidados, modos de cuidado, etc.) são baseados nessas experiências um dia vividas.

Por conseguinte, vale voltar o olhar ao papel de destaque que Celso concede ao seu padrão e à conquista e manutenção dessa amizade que assegurou ao primogênito uma graduação vindoura e conseqüentemente a promessa de um futuro melhor e mais estável, diferente do que o próprio Celso teve no início da vida adulta.

Ainda que muitos homens priorizem a função de provedor financeiro em detrimento às outras, Benatti e Pereira (2020) irão alertar sobre a importância de não desqualificar tal função exercida pelos pais-homens e percebida por eles como essencial ao seu papel de pai, pois muitas vezes elas são reflexo das adversidades experienciadas por eles durante a vida. Enquanto Celso viveu grandes períodos de incerteza e insegurança socioeconômica durante seu crescimento, ele fez de seu trabalho a garantia de que os filhos não precisem mais passar pela mesma experiência. Esse movimento de reparação parece ser um dos grandes significantes que reforça para Celso o que ele entende como o papel de provedor que a figura paterna deve exercer.

Ainda no início da vida Celso assistiu a saúde do pai se deteriorar, o que levou o genitor à morte mesmo após tanto lutar pela sobrevivência. Ao falar sobre a morte do pai, do padrasto - “câncer leva todo mundo na família” - e até mesmo da bebê, filha de uma prima, que se afogou não muito tempo antes de nossa entrevista, Celso se mostra desafetado, parecendo ter aceitado a naturalidade e impotência diante da morte por já ter estado exposto a ela tantas vezes. Logo, garantir o futuro dos filhos ganha ainda mais relevância, como se frente à possibilidade da própria morte Celso conseguisse impedir que o desamparo socioeconômico que tanto marcou sua vida não alcançasse os filhos.

4.2 A renovação do afeto (Gabriel)

Dentre os sete participantes da pesquisa, Gabriel e Celso compartilham um contexto semelhante quando se olha para a história de vida de cada um. Nascidos e criados em famílias de menor condição socioeconômica, ambos se preocupam, cada um ao seu modo, em não submeter os filhos às vivências diante à pobreza que tanto os marcaram. Como coloca o próprio Gabriel quando questionado sobre o que não gostaria de transmitir à filha, considerando toda a sua narrativa e história, ele *não quer que a filha viva a pobreza, de forma alguma.*

Entretanto, enquanto a resposta de Celso o levou a dar mais valor às formas de garantir que a família não passe por necessidade financeira diante do desconhecido, se sustentado nos modelos mais tradicionais de paternidade, como homem provedor, Gabriel leva de sua história pessoal as memórias e o desejo em reproduzir os momentos de união, cooperação e acolhimento comunitário que apaziguavam, em parte, o sofrimento frente à pobreza.

Nas novas configurações familiares têm-se percebido que o cuidado com os filhos não envolve apenas atender às necessidades fisiológicas básicas das crianças, mas também garantir aos pequenos um espaço de afeto e sustentação emocional. Gabriel é um

dos pais que vai se mostrando efetivamente aberto a essa esfera de ternura e cuidado antes atribuída às mães, tanto pela sociedade quanto pela própria comunidade psicanalítica (Coelho & Prudente, 2019). Como colocam Melo et. al. (2020), essa última tarefa tem começado a ser dividida entre pais e mães, com os homens abrindo espaço no campo afetivo do núcleo familiar, mostrando que homens e mulheres podem exercer diferentes funções (materna e paterna) sem estarem rigidamente submetidos às fronteiras de gênero.

Semelhante a um dos participantes da pesquisa de Moraes (2017), Gabriel consegue ocupar o lugar de suporte materno e ainda não se portar, em nenhum momento, como um cuidador incompetente. A relação desenvolvida com Alice é cheia de afeto, com o participante se mostrando implicado em buscar uma adaptação ativa às necessidades do bebê, desde pedir férias para passar o pós-parto com a família ao seu estado de sono mais alerta, refinadamente adaptado para acordar naturalmente pouco antes do choro da madrugada.

Além disso, o envolvimento de Gabriel ultrapassa o período inicial em que estava em casa integralmente. Ainda que a esposa, em sua licença maternidade e posteriormente com possibilidade de trabalhar em home office, fosse a responsável por cuidar de Alice ao longo do dia, após o período de férias de Gabriel terminar, o participante manteve a rotina de cuidados e envolvimento com a filha mesmo após voltar ao trabalho.

Em um dos momentos que Gabriel e Alice têm após a rotina de trabalho e cuidados, os dois parecem ter desenvolvido a sua própria forma de se comunicar e brincar. O participante conta que ele e Alice brincam de cantar, e se mostra encantado diante a possibilidade de compartilhar esse momento com a filha. Consoantes a Winnicott, Melo et. al. (2020) compreendem que os pais são naturalmente capazes de desenvolver, sem interferência externa, modos de comunicação com seus bebês, conforme se dispõe a conhecê-los, o que parece ser um dos pontos fortes da relação entre Gabriel e sua bebê.

Logo, resta abordar o quanto a rede de apoio de Gabriel foi importante para seu desenvolvimento e também em seu processo de paternar. Gabriel não romantiza as dificuldades de se morar em uma pequena casa com tantas pessoas ou em um bairro cuja vulnerabilidade social se faz tão presente. Contudo, os momentos de cuidado e acolhimento que traz ao se recordar da infância remetem ao envolvimento de múltiplos sujeitos em sua criação. Por essa razão, entende-se que viver a paternidade no auge de uma pandemia, especialmente um momento tão singular quanto o nascimento do primeiro filho, foi ainda mais solitário para Gabriel.

Assim, pela impossibilidade da presença física da família nessa fase, Gabriel mostra, por meio do seu modo de se implicar nos cuidados da filha, que reconhece a importância do afeto dos pais no desenvolvimento da criança, não abandonando o envolvimento afetivo em detrimento da busca por melhores condições financeiras, ainda que a última mantenha um lugar de grande importância na sua concepção de como ser um bom pai.

4.3 Viver o novo e se diferenciar um pouco (Marco)

Ainda que sustente uma imagem de homem cujo modelo familiar de origem remeta a uma estrutura mais rígida, com papéis de gênero bem demarcados, Marco também parece abrir espaço para compreender as novas configurações sociais que começam a fazer parte das famílias contemporâneas.

Marco fala dos cuidados primários de modo muito breve, mas quando fala, enfatiza que o homem deve ajudar a esposa a cuidar dos filhos, que assim como ele os homens devem participar ativamente do banho, da troca de fraldas e das madrugadas quando o bebê não dorme. Logo, o próprio participante parece identificar, pela própria vivência, que o lugar paterno na contemporaneidade já ultrapassa o lugar de provedor e passou por diversas mudanças socioculturais (Souza & Benetti, 2009; Pombo, 2018).

Nos estudos de Backes et. al. (2018) e Botas (2020), os participantes apontaram perceber que a forma de exercer a paternidade e até o relacionamento pai-filho mudou da geração dos seus genitores para a sua. Semelhante à Marco, cuja infância e primeiros anos da adolescência ainda foram marcados por uma relação pai-filho com base na obediência pelo medo, os homens discorrem sobre os pais terem apenas seguido o único modelo de paternidade que tiveram.

A construção da paternidade é um processo que se inicia mesmo antes de uma gestação, até mesmo na própria infância, não sendo algo pontual e limitado (Cherer, Sonogo et. al., 2018). Ao buscar conhecer os aspectos relevantes da história de cada homem e trazê-los para o campo da paternidade, este estudo vai ao encontro dessa percepção.

Somado a isso, Barbiero e Baumgarten (2015) explicam que, no que tange ao casamento, os cônjuges têm como papel conseguir se separar dos ideais da família de origem e construir seu próprio núcleo, governado por suas próprias regras e tradições, sendo esta uma das etapas que compõe o processo de transição entre conjugalidade e parentalidade. A trajetória de Marco fora da casa dos pais, que se inicia desde a adolescência, conta desse momento em que, como uma criança em exploração, Marco conhece novas formas de se relacionar com o mundo para além da rigidez patriarcalista da cidade natal. Após esse período, o encontro com a esposa e a relação de embates e discussões de ideias que os dois estabelecem, de acordo com o próprio, parece ser um espaço potencial em que Marco pode experimentar novas posições frente às demandas sociais.

Todavia, consoante ao colocado por Prado e Abrão (2014), ainda existe uma disparidade entre o que os homens entendem como o novo papel do pai e o que conseguem, concretamente, aplicar na rotina familiar. Ainda que Marco diga acreditar

que a esposa tem o direito de trabalhar e que isso não é um problema para ele, o participante acaba colocando condições implícitas para que o trabalho da esposa seja reconhecido, como dizer que para ela trabalhar teria que prestar concursos ou que o salário que ela ganharia durante os primeiros anos de vida da filha não seria relevante à renda familiar. Desse modo, ainda que se veja como um homem contemporâneo, Marco reproduz o ideal patriarcal do homem provedor e da mulher cuidadora.

Ademais, consoante a Gabriel e Dias (2011), a possibilidade de perceber a rigidez afetiva com a qual o próprio pai se relacionava com os filhos permitiu com que Marco pudesse elaborar a experiência de ter sido criado nesse modelo, além de avaliar a experiência dos próprios irmãos. Em função disso, apresenta o desejo de construir com a filha uma relação de proximidade e confiança na qual, diferente do que testemunhou entre o pai e o irmão mais novo, ela possa falar abertamente sobre sua sexualidade e ser acolhida por Marco. Tal movimento demonstra ainda o esforço engendrado por ele na tentativa de se desvincular de suas identificações paterno-sociais tradicionais.

4.4 Um pai dessa família (Leandro)

Para Leandro, performar a paternidade a partir da concretude de estar em casa e da presença afetiva é uma forma muito direta de alcançar um ideal de paternidade que seu pai não conseguiu. A história familiar do participante, com a descoberta disruptiva da segunda família paterna e com o pai se distanciando do convívio com Leandro e sua irmã após o divórcio com a mãe, resultaram no que o próprio participante irá compreender como a necessidade de assumir o papel de “homem da casa”, mesmo este sendo ainda uma criança.

É interessante pensar que quando Leandro fala sobre assumir o papel “homem da casa”, sendo uma criança, ele não se refere à necessidade de prover sustento financeiro para a família - condição que não necessariamente seria a mesma caso ele viesse de uma

família com menor condição socioeconômica -, mas sim oferecer suporte e presença afetivos para a família, especialmente para a irmã, enquanto a mãe cumpre a função de provedora.

A busca pela reparação das falhas percebidas pelos homens, enquanto filhos, na relação pai-filho apresenta grande importância no processo de construção da paternidade de Leandro, consoante ao que nos indica Freud (1914/1996). Em sua entrevista, Leandro apresenta uma paternidade participativa, cuja presença não se limita à presença física ou como provedor da casa, e se mostrando um pai capaz de exercer com eficácia o papel de cuidador primário, de modo que a divisão de tarefas dentro de casa se aproxima de um modelo mais equitativo. Outrossim, vale colocar que diferente dos participantes da pesquisa de Andrade et. al. (2018), essa experiência de adaptação a um modelo de paternidade contemporânea não é descrita como “complicada” por Leandro e sim vista como uma mudança bem-vinda comparada à própria experiência com o pai, da qual ele expressa querer se diferenciar.

Com a pandemia, Leandro e a esposa conseguem atribuir um revezamento de tarefas que possibilita que ambos mantenham o trabalho profissional, doméstico e parental em ordem. Nesse caso, vale apontar que os marcadores sociais que atravessam Leandro e sua família, como pessoas brancas, com nível superior completo e de melhor condição socioeconômica, são fatores atenuantes em um período no qual há um aumento significativo do desemprego e da vulnerabilidade social no Brasil (Oliveira, 2021), de modo que a adaptação às medidas de distanciamento social e quarentena não é tão permeada pela preocupação em sustentar financeiramente a família e prover condições básicas de sobrevivência aos seus membros.

Em uma sociedade promotora do processo de subjetivação do homem que envolve a necessidade de endurecer-se, tanto em seus afetos quanto em seus corpos (Zanello,

2018), pouco se espera escutar destes sujeitos no que tange ao campo afetivo, especialmente quando não o fazem pela via da agressividade e virilidade. Durante o último momento com Leandro, ele agradece por poder falar de sua história, o que bem evidencia o quanto os homens encontram poucos espaços que possam expor e elaborar suas experiências afetivas e emocionais.

4.5 O paradoxo de Edmundo (Edmundo)

Como o próprio Edmundo explicita, para conseguir viver uma relação com o pai, ele precisou cortá-lo de sua vida, afastando-se do genitor. Em vários momentos, a narrativa de Edmundo fala sobre ele se sentir preso a um modelo pré-estabelecido do que deveria ser, e isso é bem exemplificado ao relatar ter cursado Engenharia sem realmente se identificar com o curso ou com a profissão, deixando claro que não é um homem de escritório, pois prefere ser livre.

Concretamente, a relação de Edmundo com o pai é marcada pela ausência, seja enquanto os dois conviviam e moravam sob o mesmo teto ou após ao que ele chama de corte. Tal ausência também aparece na entrevista, pois são poucas as vezes que Edmundo fala sobre seu pai, basicamente só se referindo a ele quando perguntado. Todavia, a relação paterno-filial ainda ganha destaque durante a leitura da narrativa transferencial justamente porque a referência a esta relação é tão ausente quanto o pai que Edmundo traz em sua narrativa. O paradoxo de Edmundo faz referência ao fato de que a ausência paterna experienciada por ele é tão relevante em sua vida que está sempre presente, ainda que de forma implícita em suas ações e decisões. Vale tomar nota que por causa da relação conturbada de Edmundo com a mãe de sua filha e, posteriormente, pela pandemia, Edmundo também acabou se ausentando do início da vida de Lílian.

Corroborando com o que colocam Palermo et al. (2016) sobre como tornar-se pai envolve uma série complexa de processos e transformações identificatórias a nível

consciente e inconsciente, Edmundo deixa claro que ainda estava em processo de amadurecimento, buscando se entender como adulto e assumir a responsabilidade pela própria vida e bem-estar.

É válido pensar que Edmundo, ao ponto do nascimento de Lílian, ainda não se sentia pronto para a paternidade e, para dar conta de assumir esse papel, ele precisou embarcar em sua própria jornada de autodescoberta. Quando finalmente conseguiu começar a se aproximar de sua filha, ensaiando a posição de cuidador, a pandemia o interrompe, pois sua casa, o espaço que ele conquistou, não é visto nem por ele e nem pela mãe de Lílian como seguro para a criança diante da ameaça de uma doença invisível.

Ao que tange à relação de Edmundo e Lílian, Freud (1914/200) irá apontar que uma das formas que os pais encontram de reviver e reproduzir o seu próprio narcisismo primário já abandonado é através da atitude terna para com os filhos. Aqui, há alguns pontos a considerar que mostram o quanto é importante para Edmundo demonstrar que, além de ser um bom pai diante a todas as suas dificuldades financeiras, ele também é afetivamente comprometido com sua filha, colocando em prática o que aponta ter aprendido na relação com seu próprio genitor: *o que não ser ou fazer enquanto pai*. Dentre estes pontos estão: 1) o desejo de marcar a entrevista no dia e horário da semana em que ele estivesse com Lílian; 2) a presença da filha ao longo da entrevista; 3) a luta para ganhar novamente a confiança da mãe de Lílian para conviver mais com ela; 4) a repetição e ênfase dada na pronúncia do termo *minha filha* quando se refere à Lílian e 5) reforçar por diversas vezes o quanto ele cumpre à risca com o que entende serem suas obrigações como pagar a pensão e nunca abrir mão dos poucos momentos com a filha pelo trabalho.

4.6 Estava indo ser pai, mas a vida pulou na frente (Glauco)

Para a psicanálise, a adoção se mostra como um assunto complexo, atravessado por diversas variáveis que são dignas de atenção e estudos ainda na contemporaneidade.

Todavia, se considerarmos o que colocam Oliveira et al. (2017), o desejo que circunscreve a adoção de um filho envolve o possibilitar a paternidade e constituição de uma família, bem como idealizações vinculadas ao desejo desses pais em atingir um estatuto de completude e de terem um filho que seja capaz de devolver aos genitores o afeto investido nele.

Tendo começado a trabalhar cedo, Glauco sempre esteve preocupado em buscar a sua independência e não dar trabalho aos pais. Mesmo que não coloque a adoção como um tema a ser discutido em sua entrevista, a mesma parece ter relevância frente às diversas demandas familiares que o participante busca atender.

Após conhecer a esposa, ambos trabalharam para conseguir constituir sua família. Quando as filhas tão esperadas estavam próximas do nascimento, Glauco, que já estava em um momento intenso e desafiador de adaptação ao período gestacional e preparação psíquica (Krob, et al., 2009; Silva et al., 2021) para a concretude da paternidade, viu a saúde do pai se deteriorar rapidamente em razão de uma doença pouco conhecida, mas que afetou em escala global o funcionamento da sociedade.

O que Glauco conta sobre sua relação e sua rotina, inclusive pelo tom definitivo que usa ao falar sobre as cenas, já vão indicando uma tendência a assumir ser aquele que detém o poder de dar a palavra final na casa. No entanto, pensar em Glauco como “o homem da casa” não é pensar só no lugar que ele ocupa frente ao seu núcleo familiar atual, mas também no lugar que ele ocupa em sua família de origem. Com a perda paterna, há alguns meses do nascimento das filhas, o papel de “homem da casa” parece ter se sobressaído na performance de Glauco diante das duas famílias, já que ele toma para si a responsabilidade de prestar assistência tanto para a esposa quanto para a mãe, recentemente viúva.

Por fim, lidar com os cuidados básicos das bebês e sustentar o lugar de suporte para a esposa e para mãe enquanto vivenciava o próprio luto em decorrência da morte do pai parece não ter deixado espaço o suficiente para que Glauco pudesse se sentir pai e construir uma paternidade. A paternidade possível para Glauco, em meio ao real da vida e das demandas ambientais, é a de prover para a família, como um todo, um ambiente seguro, seja do ponto de vista afetivo ou financeiro, servindo, da forma que for possível, como o que Winnicott chamou de “capa protetora”, tal como exposto por Serralha (2016) no seguinte trecho:

Nota-se, dessa maneira, quanto era, para Winnicott, esse papel inicial do pai que ele chamou de “capa protetora”, um suporte afetivo em volta da mãe, cuja função seria capacitá-la “a voltar-se para sua condição de mãe e abstrair-se dos perigos externos enquanto se preocupa com o filho” (1980/1965vf [1960], p.29). (p. 63)

Todavia, o envolvimento afetivo com as filhas e a elaboração de uma dinâmica própria e com mais identidade de paternidade ficam em segundo plano, junto com os próprios sentimentos silenciados pela sobrecarga de demandas externas, bem como internas. Logo, frente a necessidade de responder ao ambiente como um bom filho, bom marido e bom pai, ele não consegue tempo para se perceber como pai-homem e sua idealização de paternidade ainda não alcançou o limiar do real.

Para isso, vale considerar que Glauco irá precisar enfrentar o próprio silêncio. Este que por sua vez o impede de expressar o que poderia conectá-lo, por meio da palavra, ao campo afetivo da paternidade e proporcionar diferentes modos de existir como pai, expandindo suas opções para além do modo pai operatório e funcional.

4.7 Potência em metamorfose (Vinícius)

À época da entrevista, Vinícius ainda não havia se apropriado do seu lugar como pai. Ele conta com muito afeto sobre os momentos que passa junto com o filho, Bernardo,

apontando que a possibilidade de trabalhar em home office facilita muito a convivência com o bebê ao longo do dia, pois seus horários são mais flexíveis. Todavia, havia também horários fixos destinados ao filho, como as manhãs com Bernardo que se mostram preciosas para Vinícius, sendo um momento em que os dois podem construir um vínculo pai-filho.

Logo, como colocam Cherer, Ferrari et al. (2018), vale considerar que o processo de se tornar pai, enquanto vivência do próprio luto em relação à posição de filho, se mostra muito desafiador à Vinícius cujo lugar enquanto filho foi experienciado de modo muito disruptivo, dificultando sua renúncia à posição filial para a apropriação do lugar paterno frente a relação com Bernardo.

Contudo, é possível notar que, mesmo sem adentrar totalmente o campo da paternidade, Vinícius realiza tentativas de movimento em direção ao filho. Como Cherer, Ferrari et al. (2018) ainda colocam, o processo de desinvestimento libidinal de si acontece de várias formas, como ao abrir mão de atividades de lazer e trabalho em detrimento do exercício parental, muito embora os autores sustentem que a manutenção de algumas dessas atividades seja essencial para que a transição para a paternidade seja mais suportável. Assim, a hora anterior ao despertar do filho, quando Vinícius medita, se mostra muito relevante.

As barreiras encontradas por Vinícius em seu processo de construir um vínculo com o filho e em ocupar o lugar de pai-homem estão sedimentadas por experiências passadas cujo processo de elaboração ainda se mostra muito intenso. Como o próprio Vinícius coloca, as vivências de abandono pelos pais e os ressentimentos que as perpassam têm sido, especialmente nos últimos anos, temas centrais de seu processo terapêutico.

Dentre os significantes que atravessam o discurso e a experiência de Vinícius encontra-se a potência. Nos diferentes arranjos familiares em que esteve inserido - jovens

pais casados com seus filhos, mãe indo morar com ele e seu irmão na casa dos avós maternos, ele e o irmão ficando com os avós após a mãe se casar novamente e mudar de casa, sair de casa na adolescência, etc. - Vinícius vai se deparando com uma falta de lugar. Assim como seu filho, ele não nasceu por uma gravidez planejada, foi morar na casa dos avós e ainda durante a fase infanto-juvenil teve que tomar decisões acerca dos lugares que iria, concretamente, habitar.

É válido questionar o peso que essas decisões tiveram na vida de Vinícius, visto que a forma que ele descreve esse momento mostra o quanto se sente totalmente responsável pela escolha, e isso implica em adicionar a responsabilidade de voluntariamente se afastar do pai ou da mãe e viver com os avós, onde sua presença seria mais tolerada ou desejada.

Do mesmo modo que o conflito com a masculinidade se presentifica na narrativa de Vinícius, o mesmo se faz presente em sua adolescência, também marcada por uma dinâmica de violência e exploração sexual num contexto de troca de “sexo” por drogas. Nesta mesma adolescência, Vinícius se vê atravessado por conflitos ligados à necessidade de conquistar o direito de existir e para isso lança mão de recursos idealizados de masculinidade como a potência e a virilidade, os mesmos de que se vale na vida adulta após se divorciar da primeira esposa. Em ambos os momentos, Vinícius se coloca como o homem/menino que faz muito sexo, tem uma diversidade de parceiras sexuais e se preocupa em apresentar durante o ato sexual uma postura mais agressiva, consoante ao que Zanello (2018) apresenta como um dos modos de subjetivação dos homens:

O processo de subjetivação dos homens se dá pelo dispositivo da eficácia, marcado pela virilidade sexual e laborativa. Em poucas palavras, implica em dizer que um “verdadeiro” homem deve ser um “fodedor” e um trabalhador...

... Na esfera sexual, firmou-se a ideia de quantidade (de “fodas”, de parceiras etc.), de duração da ereção e, também, de fazer gozar a parceira como coroamento narcísico do próprio desempenho. (pp. 270, 271)

Embora se debruce em perceber e mudar o seu modo de se relacionar na esfera sexual, Vinícius ainda demonstra exercer um domínio potente no campo do trabalho, elencando o atual momento da carreira como autônomo e dono do seu próprio negócio e tempo como um seu grande sucesso, respondendo às expectativas de subjetivação masculina.

Por tudo que já foi levantado, vale uma última consideração. Os atravessamentos do dispositivo de masculinidade sobre Vinícius são muito perceptíveis e chamam a atenção para sua performance potente e viril, contudo, também ofuscam sua fragilidade e desamparo. Vale considerar que precisar assumir o cuidado de si mesmo tão precocemente resulta na presunção de que direcionar ao outro esse cuidado, tão caro e escasso ao longo de sua vida, é também perdê-lo, ficar sem ele. Logo, é possível que essa seja a razão pela qual adentrar o campo da paternidade e assumir a plena responsabilidade de cuidar de outra vida seja tão difícil para Vinícius.

5. Considerações finais

Ao longo deste estudo, buscou-se investigar o processo de construção das novas paternidades com base na experiência subjetiva de homens com filhos com idade entre 6 meses e 3 anos. A partir disso, foi possível observar que, em consonância com outras pesquisas da área, dos aspectos que se destacam no discurso dos participantes e mostram relevantes ao processo de se tornar pai têm-se: 1) os conflitos inconscientes, 2) a relação com os genitores e cuidadores, em especial com o próprio pai e 3) o contexto socioeconômico no qual os participantes cresceram.

Neste estudo, os aspectos apresentados se apresentaram como partes do processo que os participantes se apoiam para construir uma paternidade singular. A forma como lidam com o abandono e desamparo, o desejo de se emancipar e se diferenciar da figura paterna conhecida e os desafios e potencialidades da experiência nos territórios mostraram influenciar a forma como os pais-homens encontram para alcançar o campo da paternidade e em como irão projetar o futuro para os filhos.

Celso encontrou na paternidade a oportunidade de oferecer aos filhos um ambiente mais seguro e estável, reparando as falhas ambientais experienciadas na infância. Gabriel busca transmitir à filha toda a vivência afetiva que encontrou na infância, mesmo em meio às adversidades de escassez material. Leandro encontra em sua eficácia ao exercer o lugar de cuidador primário, pai presente e na busca pela equidade de gênero em casa uma forma de dar um significado dissidente ao papel que ocupa desde a infância como “homem da casa”. Marco coloca em xeque tudo que aprendeu sobre as estruturas sociais e papéis de gênero enquanto crescia, se apoiando em suas experiências para construir um modelo de paternidade mais acolhedor. Edmundo ainda vai tentando se entender como adulto para finalmente exercer a função de pai. Glauco experimenta por meio do silêncio afetivo a segurança para conseguir ser forte para a família. Vinícius se mostra no processo de lidar com as condições traumáticas que o fizeram assumir responsabilidades sobre si muito cedo e com os atravessamentos dos dispositivos de eficácia masculinos para então adentrar no campo da paternidade.

O lugar do pai na contemporaneidade é marcado pela transição entre os modelos tradicional e contemporâneo, de modo que os pais-homens ainda apresentam, cada qual à sua medida, a influência de ambos. Logo, a partir das histórias dos pais-homens deste trabalho, é válido refletir acerca das diversas possibilidades de encontrar saídas únicas para o exercício da paternidade que não sejam ligadas às estruturas rígidas e

patriarcalistas, como fazem os próprios participantes. Suas histórias não são marcadas pela inflexibilidade do fazer paterno, mas sim pelo dinamismo de desbravar o desconhecido.

Nesta vertente, é também importante se atentar para as diferenças que os marcadores sociais de raça, gênero, condição socioeconômica e outros é de extrema importância para compreender a pluralidade das paternidades no Brasil e no mundo.

Não obstante, a inclusão das paternidades trans em pesquisas futuras se mostra necessária já que tem se percebido um movimento cada vez maior da comunidade científica em direção aos estudos de paternidade, mas com pouca representatividade de modelos de paternidade plurais como o das exercidas pelas identidades trans.

Por fim, deixa-se como sugestão aos profissionais da área da saúde e outros que se beneficiem desta leitura a criação de espaços de escuta que possibilitem o acolhimento das demandas afetivo-emocionais, bem como as histórias, dos homens contemporâneos que vivenciam e constroem seus próprios modos de serem pais inscritos em uma série de construções socioculturais em constante movimento.

6. Referências Bibliográficas

- Andrade, C. J., Praun, L. D., & Benincasa, M. (2018). O cuidado dos filhos sob a responsabilidade paterna: mudanças de paradigmas nas relações familiares. O cuidado paterno frente às reconfigurações familiares. *Vínculo-Revista do NESME*, 15(2), 27-41. <http://dx.doi.org/3c79c4f3165443f374c-335b>
- Backes, M. S., Becker, A. P. S., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2018). A paternidade e fatores associados ao envolvimento paterno. *Nova perspectiva sistêmica*, 27(61), 66-81. <https://doi.org/10.38034/nps.v27i61.417>
- Barbiero, E. B., & Baumgarten, S. T. (2015). Somos pais, e agora?: A história de nós dois depois dos filhos. *Pensando famílias*, 19(1), 32-45. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100004&lng=pt&tlng=pt
- Benatti, A. P., & Pereira, C. R. R. (2020). Significados da paternidade em contextos de vulnerabilidade social. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(2), 105-120. <https://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72i1p.105-120>
- Benczik, E. B. P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Revista Psicopedagogia*, 28(85), 67-75. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&nrm=iso
- Bernardi, D. (2017). Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos. *Psicologia Revista*, 26(1), 59-80. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2017v26i1p.59-80>
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39. <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19835>
- Botas, E. M. P. C. (2020). *Ser pai: as relações na vivência da parentalidade - um estudo qualitativo* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora]. Biblioteca Digital de Teses da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/28347>
- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child development*, 71(1), 127-136. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00126>
- Cherer, E. Q., Ferrari, A. G., & Piccinini, C. A. (2018). Tornar-se pai: a paternidade como inscrição subjetiva da finitude. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, 1-11. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34433>
- Cherer, E. Q., Sonogo, J. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2018). A experiência da paternidade ao final do primeiro ano de vida do bebê. *Psico*, 49(2), 127-136. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.2.26574>
- Coelho, L. B., & Prudente, R. C. A. C. (2019). Função materna e paterna uma vivência contraditória: psicanálise e cultura. *Cadernos de Psicologia*, 1(1), 50-75. <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/1976>

- Folberg, M. N., & Maggi, N. R. (2002). Declínio da função paterna e dialética da simbolização. *Estilos da Clínica*, 7(13), 92-99. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282002000200007&lng=pt&tlng=pt
- Freud, S. (1996). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1996). *Sobre o narcisismo: Uma introdução*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In: *S. Freud. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 16(3), 253-261. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2011000300007>
- Gomes, I. C., & Paiva, M. L. D. S. C. (2003). Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding?. *Psicologia em estudo*, 8(esp.), 3-9. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300002>
- Gomes, M. B. C. (2019). *Encontros narrativos com mães, pais e bebês na transição para parentalidade* [Tese Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC Minas. http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Administracao_CastroIL_1r.pdf
- Gonçalves, L. S., & Bottoli, C. (2016). Paternidade: a construção do desejo paterno. *Barbarói*, (48), 185-204. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i48.7566>
- José, M. I. P. V. (2018). *Como nasce um pai? A transição para a parentalidade*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Évora]. Biblioteca Digital de Teses da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/23424>
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. D. R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000200008>
- Laplanche, J., Pontalis, J. B. (1995). *Vocabulário de psicanálise*. Martins Fontes.
- Macedo, M. M. K., Falcão, C. N. B. (2005). A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. *Psychê*, 9(15), 65-76. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006&lng=pt&nrm=iso
- Medeiros, C. (2009). *Girando cata-vento: sofrimento e cuidado na psicanálise do ser e fazer* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-08122009-105508/pt-br.php>

- Melo, M. G. S., Fenner, P. C., Abaid, J. L. W., & Kruehl, C. S. (2020). O cuidado ao bebê e a construção da parentalidade: o pai em foco. *Research, Society and Development*, 9(1), e32911595-e32911595. doi: 10.33448/rsd-v9i1.1595
- Moraes, C. J. A. (2017). *Tornando-se pai: narrativas de casais grávidos sobre a transição para a paternidade* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC Minas. <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/948>
- Moreira, J. O., & Borges, A. A. P. (2010). A castração e seus destinos na construção da paternidade. *Psicologia Clínica*, 22(2), 71-81. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000200006>
- Oliveira, P. A. B. A., Souto, J. B., & Silva Júnior, E. G. (2017). Adoção e psicanálise: a escuta do desejo de filiação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(4), 909-922. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003672016>
- Oliveira, R. T. (2021). A pandemia da Covid-19 e o aumento de vulnerabilidades. *Research, Society and Development*, 10(9), e13810918033. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i9.18033>
- Palermo, F. R., Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., & Machado, R. N. (2016). Ambiente conjugal: repercussões na parentalidade. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 38(34), 129-148. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952016000100007&lng=pt&tlng=pt
- Paravidini, J. L. L., Rocha, T. H. R., Perfeito, H. C. C. S., Campos, A. F., & Dias, A. G. (2008). Nascimento psíquico e contemporaneidade: implicações metapsicológicas nos modos de estruturação subjetiva. *Revista Subjetividades*, 8(1), 195-224. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000100010&lng=pt&tlng=pt
- Pombo, M. (2018). Crise do patriarcado e função paterna: um debate atual na psicanálise. *Psicologia Clínica*, 30(3), 447-470. <https://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n03A03>
- Prado, J. C., & Abrão, J. L. F. (2014). Paternidade: um estudo sobre pesquisas desenvolvidas no contexto brasileiro. *Colloquium Humanarum*, 11(1), 94-112. <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/935>
- Rezende, A. L. M., & Alonso, I. L. (1995). O perfil do pai cuidador. *Journal of Human Growth and Development*, 5(1-2), 66-81. <https://doi.org/10.7322/jhgd.38153>
- Sarti, C. A. (2011). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Cortez.
- Serralha, C. A. (2016). *O ambiente facilitador winnicottiano: teoria e prática clínica*. CRV.
- Silva, C., Pinto, C., & Martins, C. (2021). Transição para a paternidade no período pré-natal: um estudo qualitativo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(2), 465-474. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.41072020>

- Souza, C. L. C. D., & Benetti, S. P. D. C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*, 19(42), 97-106. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2009000100012>
- Sutter, C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39(1), 74-82. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1488>
- Silva, M. M., & Altoé, S. (2018). O pai: uma questão sempre atual para a psicanálise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 21(3), 333-342. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003005>
- Tfouni, F. E. V. (2020). O significante-mestre e a identificação no discurso midiático. *Entremeios: Revista de Estudos do Discurso*, 21, 121-133. <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol21pagina121a133>
- Vieira, E. N., & Souza, L. (2010). Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. *Análise Psicológica*, 4(XXVIII), 581-596. <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/376/pdf>
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Appris.